

çante de papéis de sedas coloridos, o velho boi, de olhar parado, agoniza lentamente.

Para em 1880, quando os filhos de pessoas ouviram-no pregar o amor e a oração co-

lôn, e ouvida por Deus. "porque Ele é a causa da família".

pitorescos retratos os homens engravatados, de sobrecasaca

lhos de Zoologia, de Física e de Mineralogia.

A Catedral e o Bazin Brasileiro

Celso Maria de Mello Pupo

São as velhas igrejas da nossa pátria, um dos mais preciosos tesouros artísticos que possuímos; mas possuímos sem a integral consciência do valor de arte e iconografia que é obra nossa, inspirada além mas nascida em nossa terra, de talentos nossos, desconhecidos mas de uma sensibilidade bem brasileira que vem marcando de muitas formas o panorama da arte no Brasil. E por muita sensibilidade artística realista, constituiu-se um patrimônio vasto e íntegro, marcante e distinto, dentro de um círculo religioso, ou antes, dentro do sentir unânime, fixado secularmente nas populações cristãs que no Brasil foram desbravadoras, ansiosas por tirar sua nova pátria do primitivismo inicial, dando campo aos talentos de artistas verdadeiros na inspiração e no idealismo construtor que só almeja a glória de criar primores.

Muitos dos nossos, com saber e engenho, tem perlustrado as letras da história da arte barroca brasileira. Outros almejamos para que o conhecimento da riqueza se difunda e empolgue a gente brasileira: para que o acervo da arte do país valha cada vez mais para nós mesmo e se possa encastelar no nosso carinho conservador e curioso honrando os nossos foros de artistas no consenso alheio.

Germain Bazin, "conservateur en chef au Musée du Louvre", historiador de arte, arquiteto erudito e escritor brilhante, antes de publicar o seu "O Aleijadinho e a Escultura Barroca no Brasil", deu-nos a "Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil", na qual ele traçou a história analítica das igrejas do segundo, do terceiro e quarto séculos da nossa civilização, desde a pré-história, o planejamento, a construção, a constituição e a complementação artística interna das nossas igrejas, até a classificação estilística, a autoria, o agrupamento das comunidades religiosas construtoras de igrejas e soberbos conventos, e fixadoras de círculos distintos na generalidade das realizações, expondo, catalogando, criticando, como mestre que é, para nos dar obra de singular valor.

E este grande crítico se enamorou das nossas belezas e nos deu em sua obra um poético atestado dos mais hon-

rosos que, em pequeno trecho, vai aqui trasladado, como homenagem a ele e glorificação nossa: "Como prolongamento da arte barroca de Portugal, a do Brasil se avanta em dominar sem concorrência alguma de outro estilo. E' nas cidades mortas como Ouro Preto, Sabará, Olinda, que o espírito pode gosar das riquezas e da finura da arte barroca, sem se perturbar por alguma intrusão de forma estranha. Nestes monumentos deliciosos, nos quais as paredes brancas se destacam sobre o verde vivo da cana de açúcar, sob o belo céu nostálgico do Nordeste, a paisagem forma um conjunto de morro, de floresta de palmas e de luz. Esta paisagem, no seu esplendor conduz o nosso espírito às idades geológicas, mostra em seu valor a deliciosa fragilidade destas obras humanas, cinzeladas com tanto amor. Depois de percorrer centenas de quilômetros de mato, de errar pelo sertão ou navegar sobre um deserto líquido, o viajante sente com profundidade o refinamento da civilização que esta arte rococo representa e o heroísmo destes gestos de artistas; conduzido sob céus desconhecidos, longe do seu berço, do cinzel, da régua e do compasso, para sentir nesta terra virgem a magia que encanta os europeus depois de séculos de uma realização das obras de arte".

No capítulo dedicado por Bazin à obra de talha, precedido pelo discurrir em igrejas de vários Estados, estuda ele as formas dos retábulos, nas suas raízes, para chegar a classificá-los, estudá-los com profundidade e atingir a talha no Brasil, com os nossos artistas, e expor sobre ela com maestria, mostrar sua aplicação até mesmo como adorno generalizado de toda a igreja, na talha recoberta de ouro de incomparável riqueza espalhada por várias regiões do país.

São Paulo é região pobríssima de igrejas barrocas e obras de talha, e seguiu o péssimo exemplo malbaratando sua riqueza de tradição e destruindo indiferente joias iconográficas para renovar o aspecto de cidades, dando-lhes vista de recente construção sempre preferida pelas mentalidades imaturas na arte e na contemplação do belo. A Bazin não escapou o caipirismo brasileiro que, enquanto

países civilizados conservam e resguardam com amorosa usura as coisas antigas, nós as destruimos para alargar ruas que poderiam ser alargadas em outra direção, fazer praças que facilmente teriam outra localização ou renovar e substituir com coisa novinha, pintadinha, moderninha que é fruto de excentricidade vãs de talento. Lamentou ele em seu grande tratado, que no Rio de Janeiro, para abrir uma avenida, se destruissem três igrejas barrocas, dizendo de uma que "la destruction recent de l'église São Pedro dos Clérigos a affecté cruellement la beauté de la ville": "le gracieux monument fut sacrifié en 1942".

Notamos que as literaturas sobre o barroco brasileiro, se tem esquecido, sistematicamente, da lindíssima e magistosa matriz de Itu, assim como da catedral de Campinas. A matriz de Itu inaugurada em 1780, com suas obras de talha feitas por artista desconhecido, chamado Guilherme, fazedor de imagens ou, como se dizia, imaginário, que deixou ainda para esta matriz as imagens de N. S. do Rosário e de São Miguel, e para a matriz do Salto a imagem de N. S. do Monte Serrate, tem em seu altar mor um maravilhoso retábulo com nicho gigante ladeado por colunas de espiral, tudo enriquecido nas missangas da talha recoberta, finalizando-se o esplendido conjunto de uma capela mor luxuriante, com a nave grandiosa, de magníficos altares laterais, pulpitos de joalheria e ainda extensa balaustrada que isola todos os altares e limita o recinto em que o público se acomoda na parte central. Obra do setecentismo, foi completada com as pinturas de Silva Manso e do Padre Jesuino, artistas reconhecidos nos seus talentos pelos críticos contemporâneos.

A catedral de Campinas, iniciada em 1807, teve o seu entalhador chefe em 1853; chamava-se Vitoriano dos Anjos e foi mandado buscar na Baía para talhar os primores que possuímos. Vitoriano desconhecido entre os entalhadores da Baía, deveria ter sido em sua terra um aprendiz, talentoso talvez aspirando uma oportunidade para expandir seu talento, entregou-se à obra artística fazendo primeiramente o altar mor, maravilha em que se transfor-

maram os brutos e gigantes trunks de especial cedro das matas de Campinas.

Vitoriano planejou e executou o altar mor, um primoroso baldaquino, de elegantes colunas que sustentam a dupla e rendilhada coroa, adornada dos ramalhetes de flores e compoço o sobreceito para a sucessão de plataformas sobrepostas, circundadas e completadas lateralmente pela guipura do crivo mágico de Vitoriano. Quatro lindíssimas sacadas adornam a capela mor isolada pela absíde com a cúpula sustida pelos quatro arcos, dois dos quais, de ligação com a nave, que se impõe pela beleza do entalhe. O arco da nave se adorna com frontal dos mais belos, original e grandioso na finura dos rendilhados que se alteiam à procura do céu.

E' possível que Vitoriano se tenha inspirado em sua terra, na Matriz do Pilar que, no dizer de Bazin "é obra prima do neo classicismo baiano". A Catedral de Campinas, com seu baldaquino e suas colunas do altar mor, assemelha-se com vantagem de equilíbrio, de grandiosidade e leveza, ao altar mor do Pilar, quase se igualando nos capiteis, nos suportes de volutas para o coroamento, nos vasos, nos galões, nas grinaldas da coroa que também parece irmã das coroas de Campinas.

Existe de nosso altar mor fotografias com uma estátua de Cristo no píncaro da última coroa; esta estátua, de massa fingindo madeira e aí colocada erradamente em 1923 pelo arquiteto Caiubi, já ameaçava com seu peso a estabilidade do altar quando foi retirada nos trabalhos da última restauração. Hoje está ela encimada por uma cruz, infelizmente feia e lisa, ainda impropria, fora do estilo, pois a primitiva era entalhada como o altar, mas que tem a virtude de livrar a joia que é o altar mor, de um peso de madeira fingida que lhe haviam colocado no cimo.

A decoração do arco cruzeiro do Pilar é a mesma aplicada nos arcos principais de Campinas. A semelhança da nossa Catedral com esta Matriz, ainda se repete na balaustrada da nave de modelo igual à nossa que infelizmente se perdeu.

Vitoriano dos Anjos é ainda autor dos pulpitos, joias primorosas de entalhe que fez do

tronco bruto uma coluna grácil a suportar rico parapeito recoberto de rendado e luxuoso sobreceito. As sacadas do coro e do seu piso inferior, são obras do mesmo entalhador que se multiplicou nas lantejoilas de sua arte inigualável como transbordamento de beleza da sua alma de artista, devendo-se ressaltar que a talha de Campinas é talha nua, sem cores e dourados, exaltando pela sua pureza e seu encanto próprio e talvez única no Brasil.

Vitoriano deixou de completar seus trabalhos na Catedral, por desavença com o diretor das obras, e passou o resto de sua vida em extrema nobresa até morrer sofrendo em 1871. Nada obteve com a talentosa execução das talhas magníficas que produziu, sentindo-se o verdadeiro artista que só aspirava a glória.

Para continuar os trabalhos da Catedral, foi tratado o artista itano Bernardino de Sena Reis que executou os dois baldaquinos laterais, altares majestosos condizentes com o de Vitoriano; tem eles nichos gigantes em contrário ao do altar mor que se fez para imagem de menor porte. Os anjos voantes que encimam estes dois altares laterais, segundo testemunhos de descendentes de um artista colaborador de Bernardino, foram feitos já quando Ramos de Azevedo fazia as obras de conclusão da Catedral: assim sendo, o que investigações terão de confirmar, não talhou Bernardino os anjos, o que, porém, não reduz sua obra também maravilhosa.

O mesmo artista fez ainda os dois altares das capelas laterais, ambos baldaquinos, menos grandiosos, de linhas mais barrocas que o neo classicismo das demais, porém cheios do encanto da talha brasileira. São seus também os retábulos laterais, da mesma finura da mesma beleza traçada pela talha mágica do entalhador itano.

É de se lamentar que tanta beleza tenha escapado aos olhares encantadores dos nossos historiadores críticos. Nossa Catedral bem merece um Bazin que a estude, a admire, a descreva, a classifique como obra prima no oitocentismo dando ao povo a consciência de sua riqueza e o gosto de saber amar e deleitar-se no que é arte e no que é belo.

"CORREIO POPULAR" - Campinas, 24/6/1964.